

{k0} - A melhor plataforma para ganhar dinheiro jogando

Autor: symphonyinn.com Palavras-chave: {k0}

Transformando 36 não é uma marca importante para a maioria, mas para mim marca uma década desde o ano que sempre dividirá minha vida {k0} um "antes" e "depois". Tinha 26 anos quando meu pai morreu de câncer. Três meses depois, minha mãe morreu de uma aneurisma cerebral. De repente, eu era um órfão adulto, vendendo a casa familiar {k0} que cresci, eliminando a rede de segurança que conheci toda a minha vida.

O que realmente amplificou a magnitude dessa perda foi ser um único filho. Claro, ter irmãos não é uma garantia de que a dor será compartilhada ou diminuída – existem inúmeras razões pelas quais isso pode não ser o caso. Mas para mim, mesmo com amigos e parentes brilhantes, a falta de uma linha direta para essas pessoas – alguém que os conheceu como eu – se sentiu absolutamente devastadora. Quando meu pai morreu, minha mãe e eu tentávamos nos distrair com TV, mas inevitavelmente acabávamos falando e chorando e lembrando – ajudava.

Uma década depois, reconhecer esse período de tempo ainda se sente como tentar racionalizar um sonho febril. Os meses seguintes à morte de meu pai foram mais como imaginei que a dor se sentiria – fisicamente doloroso, cheio de emoções contidas à beira do colapso. No entanto, após a morte de minha mãe, foi muito diferente. Eu entrei {k0} overdrive, meticulosamente planejando seu funeral e organizando seus (estressantes, cheios de dívidas) negócios. Eu tinha pastas e canetas altas e tudo era colorido; eu estava tentando desesperadamente me manter juntos com uma carteira de notas adesivas e energia caótica e quebrada.

Depois de um curto período, algo teve que ceder. Eu dormi e chorei, atendido por um círculo rotativo de amigos próximos. Não posso ter certeza se esse período durou semanas ou meses.

Uma perda traumática, você pode, esperançosamente, processar, mas o efeito cumulativo de dois se sentiu como se as paredes da realidade tivessem desabado.

Sem um irmão ao qual me comparar, não tinha barômetro para medir o que estava realmente sentindo. Não conseguia descobrir {k0} que ponto, no espectro sombrio de "enfrentamento", eu havia aterrissado.

Em "Griefcast", a apresentadora Cariad Lloyd lembra de entrar {k0} um McDonald's na esteira da morte de seu pai e querer gritar pela normalidade horrível de tudo. Eu lembro de chorar no Sainsbury's depois de ver um pacote de bacon e queijo grills de orçamento que minha mãe costumava comprar, e pensar que não havia mais ninguém no mundo que se lembraria das noites incrivelmente normais que compartilhamos – e isso foi horrivelmente, horrivelmente insuportável.

Há um deslocamento agudo que acontece quando você lida com isso como um único filho. Em um nível prático, não há ninguém mais que possa preencher os formulários, assumir as contas,

tomar as decisões funerárias importantes e saudar as pessoas no velório. Você precisa, {k0} algum nível, se manter porque não há espaço para você se desmoronar.

A falta de alguém que os conheceu como eu se sentiu devastadora

Em "One and Only", a autora Lauren Sandler examina a dinâmica dos únicos filhos e quanta pressão isso coloca nas suas outras relações: " Mesmo que você tenha os melhores amigos do mundo, você pede essas coisas a eles? Há alguém com quem dividir a obrigação e a responsabilidade, e há muita obrigação e responsabilidade que vêm com a perda de pais e a desvenda das vidas que eles levaram. É um cenário que pede a suas outras relações para fornecer mais. Quando se trata da família, você fala com eles sobre o resto de {k0} família. Mas se você for único, ainda precisa encontrar um lugar para isso."

Além disso, você está se afligindo não apenas pelas pessoas, mas por tudo o que elas representavam. Há um nível secundário de luto pela perda física e conceitual de um lar que, de {k0} própria forma, é tão difícil de superar.

Por anos depois de ter movido todas as posses da família para Londres, eu schleppava móveis danificados e caixas de coisas que nunca usaria de apartamento alugado para apartamento alugado. Coloquei um nível frenético de importância {k0} cada garfo e toalha que veio de casa. Se alguém quebrasse um prato, sentiria como se outro fragmento do que eu tinha restante estivesse escorrendo.

Floyd Matthews do Affordable Therapy fala de ser "mantido {k0} energia infantil" – a ideia de que, se {k0} relação paterna ainda for uma de dependência (seja de segurança emocional e amor tanto quanto financeiramente ou qualquer coisa mais prática), então a perda súbita é uma que o mantém lá. A relação nunca é capaz de amadurecer; {k0} algumas maneiras, você permanece nessa dinâmica para sempre.

Eu tenho sorte de que uma ramificação da família de meu pai me abraçou. Passo o Natal com eles e são tão generosos {k0} abrir seus lares quanto poderia pedir, mas levei muito tempo para realmente aceitar que é impossível que isso seja uma substituição. Minhas referências não são suas referências; suas lembranças da mesa de jantar não são minhas lembranças. Minhas visitas tornaram-se um novo normal que eu realmente amo e desfruto, mas é impossível não olhar para {k0} família e sentir profundamente, profundamente a falta da minha própria.

Um problema real com o processo de luto é que, praticamente, ele precisa ter uma data de validade antes quando, emocionalmente, nunca pode.

Uma década depois, não posso cancelar uma reunião da manhã porque sonhei muito com meus pais ainda estando aqui e, quando acordei, eles não estavam, mesmo que lutar pelas próximas horas possa se sentir como passar por lama.

Matthews descreve o ato de retornar ao trabalho, de tentar retomar a {k0} vida, como implicitamente também "sendo a data {k0} que você deveria estar por cima, que deveria ter se movido além disso". Mas o processo de aceitação para mim, particularmente com todas as perdas compostas de um único filho, levou os melhores anos dez {k0} vez de dez semanas de férias.

As lembranças podem ser muito, mas também podem ser maravilhosas

Há uma solidão profunda no momento {k0} que se percebe que não há possibilidade de preencher o vazio, de apenas obter uma nova família para substituir a antiga. Mas estou tentando ajustar minha forma de pensar para apreciar o que está aqui {k0} vez do que não está. Em uma publicação recente e bonita no Instagram sobre a morte de Kurt Cobain, {k0} filha e única criança Frances Bean falou dos estranhos presentes que a perda dos amados pode dar a você. Há, ela disse, "profunda sabedoria [em] estar {k0} um caminho acelerado para entender como a vida é preciosa".

Houveram tantos momentos ao longo da última década {k0} que me senti tão sozinho, tão furioso com o universo por me dar essa mão e tão exausto {k0} tentar empurrar e fazer o melhor disso. Mas também houveram tantos instantes de puro prazer e amor com as pessoas ao meu redor, {k0} que me senti tão presente e acutamente ciente de que isso é o que a vida é sobre – saboreá-la e buscá-la sempre que puder.

A chave para a aceitação pode ser perceber que você não quer sair da situação {k0} que se encontra. Quando estava no auge do luto, não parecia possível haver uma forma de vida plena e feliz. E ainda há tantos momentos {k0} que sou cegado completamente. Mas mesmo nestas ocasiões, não gostaria de não sentir esses sentimentos. Às vezes as lembranças são muito, mas às vezes elas são maravilhosas. Na ausência de membros da família para me acompanhar nesses caminhos, aprecio as músicas e os alimentos e os lugares que desempenham esses papéis, me lembrando das coisas que, como único filho, ninguém mais poderia saber.

Se houver alguma coisa que você possa fazer por crianças sem irmãos nesta posição, é apenas escutar. Mesmo que seja triste, mesmo que você não saiba o que dizer. Eu sei que ninguém mais se lembrará de meus pais como eu, mas ainda quero falar sobre eles e mantê-los vivos através de minhas lembranças, mesmo que sejam apenas minhas.

Meu pai se chamava Eric e minha mãe se chamava Sandra. Ele amava os Beatles e Stephen King, e ela amava *Sherlock* e Mars bars. Eu os extraño loucamente todos os dias, mas não gostaria que isso mudasse.

Partilha de casos

Transformando 36 não é uma marca importante para a maioria, mas para mim marca uma década desde o ano que sempre dividirá minha vida {k0} um "antes" e "depois". Tinha 26 anos quando meu pai morreu de câncer. Três meses depois, minha mãe morreu de uma aneurisma cerebral. De repente, eu era um órfão adulto, vendendo a casa familiar {k0} que cresci, eliminando a rede de segurança que conheci toda a minha vida.

O que realmente amplificou a magnitude dessa perda foi ser um único filho. Claro, ter irmãos não é uma garantia de que a dor será compartilhada ou diminuída – existem inúmeras razões pelas quais isso pode não ser o caso. Mas para mim, mesmo com amigos e parentes brilhantes, a falta de uma linha direta para essas pessoas – alguém que os conheceu como eu – se sentiu absolutamente devastadora. Quando meu pai morreu, minha mãe e eu tentávamos nos distrair com TV, mas inevitavelmente acabávamos falando e chorando e lembrando – ajudava.

Uma década depois, reconhecer esse período de tempo ainda se sente como tentar racionalizar um sonho febril. Os meses seguintes à morte de meu pai foram mais como imaginei que a dor se sentiria – fisicamente doloroso, cheio de emoções contidas à beira do colapso. No entanto, após a morte de minha mãe, foi muito diferente. Eu entrei {k0} overdrive, meticulosamente planejando seu funeral e organizando seus (estressantes, cheios de dívidas) negócios. Eu tinha pastas e canetas altas e tudo era colorido; eu estava tentando desesperadamente me manter juntos com uma carteira de notas adesivas e energia caótica e quebrada.

Depois de um curto período, algo teve que ceder. Eu dormi e chorei, atendido por um círculo rotativo de amigos próximos. Não posso ter certeza se esse período durou semanas ou meses.

Uma perda traumática, você pode, esperançosamente, processar, mas o

efeito cumulativo de dois se sentiu como se as paredes da realidade tivessem desabado.

Sem um irmão ao qual me comparar, não tinha barômetro para medir o que estava realmente sentindo. Não conseguia descobrir {k0} que ponto, no espectro sombrio de "enfrentamento", eu havia aterrissado.

Em "Griefcast", a apresentadora Cariad Lloyd lembra de entrar {k0} um McDonald's na esteira da morte de seu pai e querer gritar pela normalidade horrível de tudo. Eu lembro de chorar no Sainsbury's depois de ver um pacote de bacon e queijo grills de orçamento que minha mãe costumava comprar, e pensar que não havia mais ninguém no mundo que se lembraria das noites incrivelmente normais que compartilhamos – e isso foi horrivelmente, horrivelmente insuportável.

Há um deslocamento agudo que acontece quando você lida com isso como um único filho. Em um nível prático, não há ninguém mais que possa preencher os formulários, assumir as contas, tomar as decisões funerárias importantes e saudar as pessoas no velório. Você precisa, {k0} algum nível, se manter porque não há espaço para você se desmoronar.

A falta de alguém que os conheceu como eu se sentiu devastadora

Em "One and Only", a autora Lauren Sandler examina a dinâmica dos únicos filhos e quanta pressão isso coloca nas suas outras relações: " Mesmo que você tenha os melhores amigos do mundo, você pede essas coisas a eles? Há alguém com quem dividir a obrigação e a responsabilidade, e há muita obrigação e responsabilidade que vêm com a perda de pais e a desvenda das vidas que eles levaram. É um cenário que pede a suas outras relações para fornecer mais. Quando se trata da família, você fala com eles sobre o resto de {k0} família. Mas se você for único, ainda precisa encontrar um lugar para isso."

Além disso, você está se afligindo não apenas pelas pessoas, mas por tudo o que elas representavam. Há um nível secundário de luto pela perda física e conceitual de um lar que, de {k0} própria forma, é tão difícil de superar.

Por anos depois de ter movido todas as posses da família para Londres, eu schleppava móveis danificados e caixas de coisas que nunca usaria de apartamento alugado para apartamento alugado. Coloquei um nível frenético de importância {k0} cada garfo e toalha que veio de casa. Se alguém quebrasse um prato, sentiria como se outro fragmento do que eu tinha restante estivesse escorrendo.

Floyd Matthews do Affordable Therapy fala de ser "mantido {k0} energia infantil" – a ideia de que, se {k0} relação paterna ainda for uma de dependência (seja de segurança emocional e amor tanto quanto financeiramente ou qualquer coisa mais prática), então a perda súbita é uma que o mantém lá. A relação nunca é capaz de amadurecer; {k0} algumas maneiras, você permanece nessa dinâmica para sempre.

Eu tenho sorte de que uma ramificação da família de meu pai me abraçou. Passo o Natal com eles e são tão generosos {k0} abrir seus lares quanto poderia pedir, mas levei muito tempo para realmente aceitar que é impossível que isso seja uma substituição. Minhas referências não são suas referências; suas lembranças da mesa de jantar não são minhas lembranças. Minhas visitas tornaram-se um novo normal que eu realmente amo e desfruto, mas é impossível não olhar para {k0} família e sentir profundamente, profundamente a falta da minha própria.

Um problema real com o processo de luto é que, praticamente, ele precisa ter uma data de validade antes quando, emocionalmente, nunca pode.

Uma década depois, não posso cancelar uma reunião da manhã porque sonhei muito com meus pais ainda estando aqui e, quando acordei, eles não estavam, mesmo que lutar pelas próximas horas possa se sentir como passar por lama.

Matthews descreve o ato de retornar ao trabalho, de tentar retomar a {k0} vida, como implicitamente também "sendo a data {k0} que você deveria estar por cima, que deveria ter se movido além disso". Mas o processo de aceitação para mim, particularmente com todas as perdas compostas de um único filho, levou os melhores anos dez {k0} vez de dez semanas de férias.

As lembranças podem ser muito, mas também podem ser maravilhosas

Há uma solidão profunda no momento {k0} que se percebe que não há possibilidade de preencher o vazio, de apenas obter uma nova família para substituir a antiga. Mas estou tentando ajustar minha forma de pensar para apreciar o que está aqui {k0} vez do que não está. Em uma publicação recente e bonita no Instagram sobre a morte de Kurt Cobain, {k0} filha e única criança Frances Bean falou dos estranhos presentes que a perda dos amados pode dar a você. Há, ela disse, "profunda sabedoria [em] estar {k0} um caminho acelerado para entender como a vida é preciosa".

Houveram tantos momentos ao longo da última década {k0} que me senti tão sozinho, tão furioso com o universo por me dar essa mão e tão exausto {k0} tentar empurrar e fazer o melhor disso. Mas também houveram tantos instantes de puro prazer e amor com as pessoas ao meu redor, {k0} que me senti tão presente e acutamente ciente de que isso é o que a vida é sobre – saboreá-la e buscá-la sempre que puder.

A chave para a aceitação pode ser perceber que você não quer sair da situação {k0} que se encontra. Quando estava no auge do luto, não parecia possível haver uma forma de vida plena e feliz. E ainda há tantos momentos {k0} que sou cegado completamente. Mas mesmo nestas ocasiões, não gostaria de não sentir esses sentimentos. Às vezes as lembranças são muito, mas às vezes elas são maravilhosas. Na ausência de membros da família para me acompanhar nesses caminhos, aprecio as músicas e os alimentos e os lugares que desempenham esses papéis, me lembrando das coisas que, como único filho, ninguém mais poderia saber.

Se houver alguma coisa que você possa fazer por crianças sem irmãos nesta posição, é apenas escutar. Mesmo que seja triste, mesmo que você não saiba o que dizer. Eu sei que ninguém mais se lembrará de meus pais como eu, mas ainda quero falar sobre eles e mantê-los vivos através de minhas lembranças, mesmo que sejam apenas minhas.

Meu pai se chamava Eric e minha mãe se chamava Sandra. Ele amava os Beatles e Stephen King, e ela amava *Sherlock* e Mars bars. Eu os extraño loucamente todos os dias, mas não gostaria que isso mudasse.

Expanda pontos de conhecimento

Transformando 36 não é uma marca importante para a maioria, mas para mim marca uma década desde o ano que sempre dividirá minha vida {k0} um "antes" e "depois". **Tinha 26 anos quando meu pai morreu de câncer. Três meses depois, minha mãe morreu de uma aneurisma cerebral. De repente, eu era um órfão adulto, vendendo a casa familiar {k0} que cresci, eliminando a rede de segurança que conheci toda a minha vida.**

O que realmente amplificou a magnitude dessa perda foi ser um único filho. Claro, ter irmãos não é uma garantia de que a dor será compartilhada ou diminuída – existem inúmeras razões pelas

quais isso pode não ser o caso. Mas para mim, mesmo com amigos e parentes brilhantes, a falta de uma linha direta para essas pessoas – alguém que os conheceu como eu – se sentiu absolutamente devastadora. Quando meu pai morreu, minha mãe e eu tentávamos nos distrair com TV, mas inevitavelmente acabávamos falando e chorando e lembrando – ajudava.

Uma década depois, reconhecer esse período de tempo ainda se sente como tentar racionalizar um sonho febril. Os meses seguintes à morte de meu pai foram mais como imaginei que a dor se sentiria – fisicamente doloroso, cheio de emoções contidas à beira do colapso. No entanto, após a morte de minha mãe, foi muito diferente. Eu entrei {k0} overdrive, meticulosamente planejando seu funeral e organizando seus (estressantes, cheios de dívidas) negócios. Eu tinha pastas e canetas altas e tudo era colorido; eu estava tentando desesperadamente me manter juntos com uma carteira de notas adesivas e energia caótica e quebrada.

Depois de um curto período, algo teve que ceder. Eu dormi e chorei, atendido por um círculo rotativo de amigos próximos. Não posso ter certeza se esse período durou semanas ou meses.

Uma perda traumática, você pode, esperançosamente, processar, mas o efeito cumulativo de dois se sentiu como se as paredes da realidade tivessem desabado.

Sem um irmão ao qual me comparar, não tinha barômetro para medir o que estava realmente sentindo. Não conseguia descobrir {k0} que ponto, no espectro sombrio de "enfrentamento", eu havia aterrissado.

Em "Griefcast", a apresentadora Cariad Lloyd lembra de entrar {k0} um McDonald's na esteira da morte de seu pai e querer gritar pela normalidade horrível de tudo. Eu lembro de chorar no Sainsbury's depois de ver um pacote de bacon e queijo grills de orçamento que minha mãe costumava comprar, e pensar que não havia mais ninguém no mundo que se lembraria das noites incrivelmente normais que compartilhamos – e isso foi horrivelmente, horrivelmente insuportável.

Há um deslocamento agudo que acontece quando você lida com isso como um único filho. Em um nível prático, não há ninguém mais que possa preencher os formulários, assumir as contas, tomar as decisões funerárias importantes e saudar as pessoas no velório. Você precisa, {k0} algum nível, se manter porque não há espaço para você se desmoronar.

A falta de alguém que os conheceu como eu se sentiu devastadora

Em "One and Only", a autora Lauren Sandler examina a dinâmica dos únicos filhos e quanta pressão isso coloca nas suas outras relações: "Mesmo que você tenha os melhores amigos do mundo, você pede essas coisas a eles? Há alguém com quem dividir a obrigação e a responsabilidade, e há muita obrigação e responsabilidade que vêm com a perda de pais e a desvenda das vidas que eles levaram. É um cenário que pede a suas outras relações para fornecer mais. Quando se trata da família, você fala com eles sobre o resto de {k0} família. Mas se você for único, ainda precisa encontrar um lugar para isso."

Além disso, você está se afligindo não apenas pelas pessoas, mas por tudo o que elas representavam. Há um nível secundário de luto pela perda física e conceitual de um lar que, de {k0} própria forma, é tão difícil de superar.

Por anos depois de ter movido todas as posses da família para Londres, eu schleppava móveis danificados e caixas de coisas que nunca usaria de apartamento alugado para apartamento alugado. Coloquei um nível frenético de importância {k0} cada garfo e toalha que veio de casa. Se alguém quebrasse um prato, sentiria como se outro fragmento do que eu tinha restante estivesse escorrendo.

Floyd Matthews do Affordable Therapy fala de ser "mantido {k0} energia infantil" – a ideia de que,

se {k0} relação paterna ainda for uma de dependência (seja de segurança emocional e amor tanto quanto financeiramente ou qualquer coisa mais prática), então a perda súbita é uma que o mantém lá. A relação nunca é capaz de amadurecer; {k0} algumas maneiras, você permanece nessa dinâmica para sempre.

Eu tenho sorte de que uma ramificação da família de meu pai me abraçou. Passo o Natal com eles e são tão generosos {k0} abrir seus lares quanto poderia pedir, mas levei muito tempo para realmente aceitar que é impossível que isso seja uma substituição. Minhas referências não são suas referências; suas lembranças da mesa de jantar não são minhas lembranças. Minhas visitas tornaram-se um novo normal que eu realmente amo e desfruto, mas é impossível não olhar para {k0} família e sentir profundamente, profundamente a falta da minha própria.

Um problema real com o processo de luto é que, praticamente, ele precisa ter uma data de validade antes quando, emocionalmente, nunca pode.

Uma década depois, não posso cancelar uma reunião da manhã porque sonhei muito com meus pais ainda estando aqui e, quando acordei, eles não estavam, mesmo que lutar pelas próximas horas possa se sentir como passar por lama.

Matthews descreve o ato de retornar ao trabalho, de tentar retomar a {k0} vida, como implicitamente também "sendo a data {k0} que você deveria estar por cima, que deveria ter se movido além disso". Mas o processo de aceitação para mim, particularmente com todas as perdas compostas de um único filho, levou os melhores anos dez {k0} vez de dez semanas de férias.

As lembranças podem ser muito, mas também podem ser maravilhosas

Há uma solidão profunda no momento {k0} que se percebe que não há possibilidade de preencher o vazio, de apenas obter uma nova família para substituir a antiga. Mas estou tentando ajustar minha forma de pensar para apreciar o que está aqui {k0} vez do que não está. Em uma publicação recente e bonita no Instagram sobre a morte de Kurt Cobain, {k0} filha e única criança Frances Bean falou dos estranhos presentes que a perda dos amados pode dar a você. Há, ela disse, "profunda sabedoria [em] estar {k0} um caminho acelerado para entender como a vida é preciosa".

Houveram tantos momentos ao longo da última década {k0} que me senti tão sozinho, tão furioso com o universo por me dar essa mão e tão exausto {k0} tentar empurrar e fazer o melhor disso. Mas também houveram tantos instantes de puro prazer e amor com as pessoas ao meu redor, {k0} que me senti tão presente e acutamente ciente de que isso é o que a vida é sobre – saboreá-la e buscá-la sempre que puder.

A chave para a aceitação pode ser perceber que você não quer sair da situação {k0} que se encontra. Quando estava no auge do luto, não parecia possível haver uma forma de vida plena e feliz. E ainda há tantos momentos {k0} que sou cegado completamente. Mas mesmo nestas ocasiões, não gostaria de não sentir esses sentimentos. Às vezes as lembranças são muito, mas às vezes elas são maravilhosas. Na ausência de membros da família para me acompanhar nesses caminhos, aprecio as músicas e os alimentos e os lugares que desempenham esses papéis, me lembrando das coisas que, como único filho, ninguém mais poderia saber.

Se houver alguma coisa que você possa fazer por crianças sem irmãos nesta posição, é apenas escutar. Mesmo que seja triste, mesmo que você não saiba o que dizer. Eu sei que ninguém mais se lembrará de meus pais como eu, mas ainda quero falar sobre eles e mantê-los vivos através de minhas lembranças, mesmo que sejam apenas minhas.

Meu pai se chamava Eric e minha mãe se chamava Sandra. Ele amava os Beatles e Stephen King, e ela amava *Sherlock* e Mars bars. Eu os extraño loucamente todos os dias, mas não gostaria que isso mudasse.

comentário do comentarista

Transformando 36 não é uma marca importante para a maioria, mas para mim marca uma década desde o ano que sempre dividirá minha vida {k0} um "antes" e "depois". Tinha 26 anos quando meu pai morreu de câncer. Três meses depois, minha mãe morreu de uma aneurisma cerebral. De repente, eu era um órfão adulto, vendendo a casa familiar {k0} que cresci, eliminando a rede de segurança que conheci toda a minha vida.

O que realmente amplificou a magnitude dessa perda foi ser um único filho. Claro, ter irmãos não é uma garantia de que a dor será compartilhada ou diminuída – existem inúmeras razões pelas quais isso pode não ser o caso. Mas para mim, mesmo com amigos e parentes brilhantes, a falta de uma linha direta para essas pessoas – alguém que os conheceu como eu – se sentiu absolutamente devastadora. Quando meu pai morreu, minha mãe e eu tentávamos nos distrair com TV, mas inevitavelmente acabávamos falando e chorando e lembrando – ajudava.

Uma década depois, reconhecer esse período de tempo ainda se sente como tentar racionalizar um sonho febril. Os meses seguintes à morte de meu pai foram mais como imaginei que a dor se sentiria – fisicamente doloroso, cheio de emoções contidas à beira do colapso. No entanto, após a morte de minha mãe, foi muito diferente. Eu entrei {k0} overdrive, meticulosamente planejando seu funeral e organizando seus (estressantes, cheios de dívidas) negócios. Eu tinha pastas e canetas altas e tudo era colorido; eu estava tentando desesperadamente me manter juntos com uma carteira de notas adesivas e energia caótica e quebrada.

Depois de um curto período, algo teve que ceder. Eu dormi e chorei, atendido por um círculo rotativo de amigos próximos. Não posso ter certeza se esse período durou semanas ou meses.

Uma perda traumática, você pode, esperançosamente, processar, mas o efeito cumulativo de dois se sentiu como se as paredes da realidade tivessem desabado.

Sem um irmão ao qual me comparar, não tinha barômetro para medir o que estava realmente sentindo. Não conseguia descobrir {k0} que ponto, no espectro sombrio de "enfrentamento", eu havia aterrissado.

Em "Griefcast", a apresentadora Cariad Lloyd lembra de entrar {k0} um McDonald's na esteira da morte de seu pai e querer gritar pela normalidade horrível de tudo. Eu lembro de chorar no Sainsbury's depois de ver um pacote de bacon e queijo grills de orçamento que minha mãe costumava comprar, e pensar que não havia mais ninguém no mundo que se lembraria das noites incrivelmente normais que compartilhamos – e isso foi horrivelmente, horrivelmente insuportável.

Há um deslocamento agudo que acontece quando você lida com isso como um único filho. Em um nível prático, não há ninguém mais que possa preencher os formulários, assumir as contas, tomar as decisões funerárias importantes e saudar as pessoas no velório. Você precisa, {k0} algum nível, se manter porque não há espaço para você se desmoronar.

A falta de alguém que os conheceu como eu se sentiu devastadora

Em "One and Only", a autora Lauren Sandler examina a dinâmica dos únicos filhos e quanta pressão isso coloca nas suas outras relações: " Mesmo que você tenha os melhores amigos do

mundo, você pede essas coisas a eles? Há alguém com quem dividir a obrigação e a responsabilidade, e há muita obrigação e responsabilidade que vêm com a perda de pais e a desvenda das vidas que eles levaram. É um cenário que pede a suas outras relações para fornecer mais. Quando se trata da família, você fala com eles sobre o resto de {k0} família. Mas se você for único, ainda precisa encontrar um lugar para isso."

Além disso, você está se afligindo não apenas pelas pessoas, mas por tudo o que elas representavam. Há um nível secundário de luto pela perda física e conceitual de um lar que, de {k0} própria forma, é tão difícil de superar.

Por anos depois de ter movido todas as posses da família para Londres, eu schleppava móveis danificados e caixas de coisas que nunca usaria de apartamento alugado para apartamento alugado. Coloquei um nível frenético de importância {k0} cada garfo e toalha que veio de casa. Se alguém quebrasse um prato, sentiria como se outro fragmento do que eu tinha restante estivesse escorrendo.

Floyd Matthews do Affordable Therapy fala de ser "mantido {k0} energia infantil" – a ideia de que, se {k0} relação paterna ainda for uma de dependência (seja de segurança emocional e amor tanto quanto financeiramente ou qualquer coisa mais prática), então a perda súbita é uma que o mantém lá. A relação nunca é capaz de amadurecer; {k0} algumas maneiras, você permanece nessa dinâmica para sempre.

Eu tenho sorte de que uma ramificação da família de meu pai me abraçou. Passo o Natal com eles e são tão generosos {k0} abrir seus lares quanto poderia pedir, mas levei muito tempo para realmente aceitar que é impossível que isso seja uma substituição. Minhas referências não são suas referências; suas lembranças da mesa de jantar não são minhas lembranças. Minhas visitas tornaram-se um novo normal que eu realmente amo e desfruto, mas é impossível não olhar para {k0} família e sentir profundamente, profundamente a falta da minha própria.

Um problema real com o processo de luto é que, praticamente, ele precisa ter uma data de validade antes quando, emocionalmente, nunca pode.

Uma década depois, não posso cancelar uma reunião da manhã porque sonhei muito com meus pais ainda estando aqui e, quando acordei, eles não estavam, mesmo que lutar pelas próximas horas possa se sentir como passar por lama.

Matthews descreve o ato de retornar ao trabalho, de tentar retomar a {k0} vida, como implicitamente também "sendo a data {k0} que você deveria estar por cima, que deveria ter se movido além disso". Mas o processo de aceitação para mim, particularmente com todas as perdas compostas de um único filho, levou os melhores anos dez {k0} vez de dez semanas de férias.

As lembranças podem ser muito, mas também podem ser maravilhosas

Há uma solidão profunda no momento {k0} que se percebe que não há possibilidade de preencher o vazio, de apenas obter uma nova família para substituir a antiga. Mas estou tentando ajustar minha forma de pensar para apreciar o que está aqui {k0} vez do que não está. Em uma publicação recente e bonita no Instagram sobre a morte de Kurt Cobain, {k0} filha e única criança Frances Bean falou dos estranhos presentes que a perda dos amados pode dar a você. Há, ela disse, "profunda sabedoria [em] estar {k0} um caminho acelerado para entender como a vida é preciosa".

Houveram tantos momentos ao longo da última década {k0} que me senti tão sozinho, tão furioso com o universo por me dar essa mão e tão exausto {k0} tentar empurrar e fazer o melhor disso. Mas também houveram tantos instantes de puro prazer e amor com as pessoas ao meu redor, {k0} que me senti tão presente e acutamente ciente de que isso é o que a vida é sobre – saboreá-la e buscá-la sempre que puder.

A chave para a aceitação pode ser perceber que você não quer sair da situação {k0} que se encontra. Quando estava no auge do luto, não parecia possível haver uma forma de vida plena e

feliz. E ainda há tantos momentos {k0} que sou cegado completamente. Mas mesmo nestas ocasiões, não gostaria de *não* sentir esses sentimentos. Às vezes as lembranças são muito, mas às vezes elas são maravilhosas. Na ausência de membros da família para me acompanhar nesses caminhos, aprecio as músicas e os alimentos e os lugares que desempenham esses papéis, me lembrando das coisas que, como único filho, ninguém mais poderia saber.

Se houver alguma coisa que você possa fazer por crianças sem irmãos nesta posição, é apenas escutar. Mesmo que seja triste, mesmo que você não saiba o que dizer. Eu sei que ninguém mais se lembrará de meus pais como eu, mas ainda quero falar sobre eles e mantê-los vivos através de minhas lembranças, mesmo que sejam apenas minhas.

Meu pai se chamava Eric e minha mãe se chamava Sandra. Ele amava os Beatles e Stephen King, e ela amava *Sherlock* e Mars bars. Eu os extraño loucamente todos os dias, mas não gostaria que isso mudasse.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: {k0}

Palavras-chave: {k0} - **A melhor plataforma para ganhar dinheiro jogando**

Data de lançamento de: 2024-09-08

Referências Bibliográficas:

1. [caça niquel online gratis](#)
2. [freebet kenangan4d](#)
3. [betsul app download apk](#)
4. [bet pix original](#)